



JE NE SUIS PAS UNE FEMME FACILE: FEMINISMO, UTOPIA E DISTOPIA EM PERSPECTIVA COMPARATISTA

JE NE SUIS PAS UNE FEMME FACILE: FEMINISM, UTOPIA AND DYSTOPIA IN A COMPARATIVE PERSPECTIVE

Gislaine Serafim Rodrigues Herrera¹

Alleid Ribeiro Machado²

RESUMO: A partir da ambivalência utopia *versus* distopia, este artigo tem como objetivo fazer um estudo de base comparatista entre “*Herland- Terra das mulheres*” de Charlotte Perkins Gilman e o filme *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile* da diretora francesa Eléonore Pourriat. Para tanto, pretende-se apresentar os papéis femininos elaborados nas obras em destaque que, de alguma forma, corroboram ou contestam os paradigmas femininos tradicionais esperados pela sociedade patriarcal. No caso de *Herland*, para além dos anacronismos contidos na obra, apresentar-se-ão pontos de transgressão que foram importantes para o pensamento feminista, sobretudo da segunda onda em diante. Já no filme *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile* pretende-se apresentar o empoderamento feminino levado às últimas consequências o que acaba por criar uma tensão distópica do pensamento feminista contemporâneo acerca da equidade de gênero.

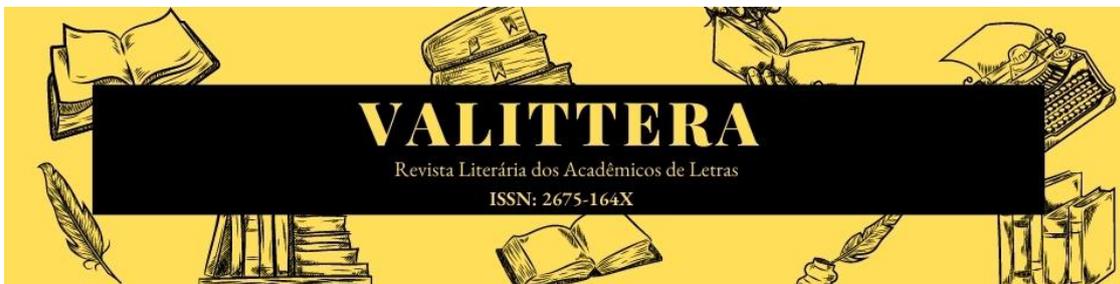
PALAVRAS-CHAVE: utopia; distopia; empoderamento feminino; sociedade patriarcal.

ABSTRACT: From the ambivalence of utopia versus dystopia, this article aims to make a baseline comparative study between Charlotte Perkins Gilman's *Herland-Land of Women* and the film *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile* by French director Eléonore Pourriat. For this purpose, it is intended to present the feminine roles elaborated in the featured works, which, in some way, corroborate or contest the traditional feminine paradigms expected by patriarchal societies. In *Herland's* case, beyond the anachronisms contained in the work, should be shown, points of transgression that were important to feminist thinking, especially from the second wave onwards. In the movie *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile*, it is intended to present female empowerment brought to its ultimate consequences, which ultimately creates a dystopian tension of contemporary feminist thinking about gender equity.

KEYWORDS: utopia; dystopia; female empowerment; patriarchal society.

¹ Graduanda em Letras, bolsista de Iniciação Científica no Centro Universitário Sant'Anna. Graduada em Pedagogia e pós graduanda pela FFLCH/USP na disciplina Uma Introdução à Literatura Portuguesa. Professora de Desenvolvimento Infantil no CEI Casa dos Inocentes. E-mail: gijh.rodrigues84@gmail.com

² Doutora e Mestre em Letras pela FFLCH/ USP. Pós-doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-doutora em Letras pela FFLCH/ USP. Professora universitária no Centro Universitário Sant'Anna. E-mail: alleid@alumni.usp.br.



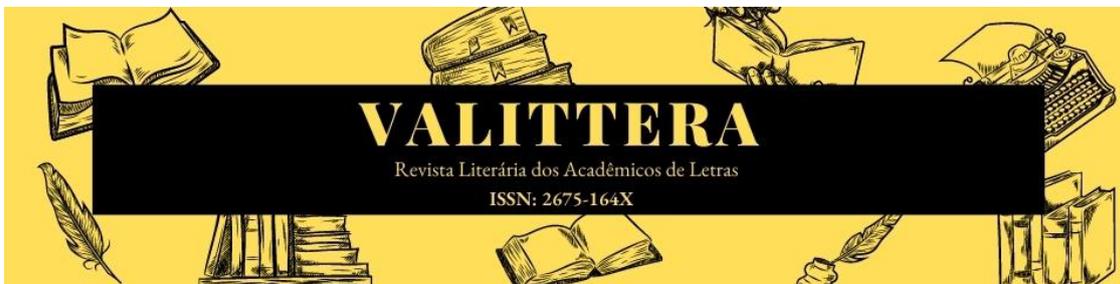
“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”. Eduardo Galeano

1 INTRODUÇÃO

A ideia de um lugar ideal sempre esteve presente no pensamento ocidental. Thomas Morus, retomando Platão já em 1516, cunhava o termo “utopia” ao escrever um romance filosófico com o mesmo título prevendo uma sociedade que não era dividida por classes e, dessa maneira, criando um instrumento crítico de reflexão sobre a realidade. Explicando a palavra, o prefixo “u” vem do grego “ou” que significa “não existe” e “topia” vem do grego “topos” que significa lugar. Ao juntar “u” e “topia”, tem-se o conceito de “lugar que não existe”, ou seja, inalcançável e ilusório, cuja felicidade prepondera e os cidadãos gozam da mesma opinião. O gênero utópico narra um mundo perfeito e visa uma sociedade justa e igualitária. Como exemplo disso, temos a obra de Platão *A República* e a obra de Karl Marx *O Capital* e, no âmbito da literatura, a escritora Gilman com sua criação artística *Herland- A Terra das Mulheres*. O fragmento seguinte ilustra *Utopia* de Morus que, segundo Figueiredo (2009, p.325.), nomeou uma forma de pensar já existente desde a época platônica, tornando perceptível no século XVI o conceito de utopia no pensamento ocidental:

Um governante que vive solitariamente no luxo e nos prazeres, enquanto à sua volta todos vivem em meio ao sofrimento e lamentações, estará atuando antes como carcereiro do que como um rei. Tal como um médico incapaz, que não sabe tratar de um mal senão por um mal maior, o soberano que só sabe governar seus súditos privando-os de todas as comodidades da existência, reconhece abertamente que é incapaz de comandar homens livres. (MORUS, 2004, p.37).

Já sob a égide da pós-modernidade, a humanidade ficou descrente sobre edificar e viver uma utopia devido aos abomináveis acontecimentos que foram presenciados na Segunda Guerra Mundial e como borboleteavam vários filósofos da época. Com essa descrença, surgiu o termo antiutopia ou distopia (*dystopus*), cuja palavra também é de origem grega. Expliquemos. O prefixo “dys” significa “algo ruim” e o radical “topos” significa



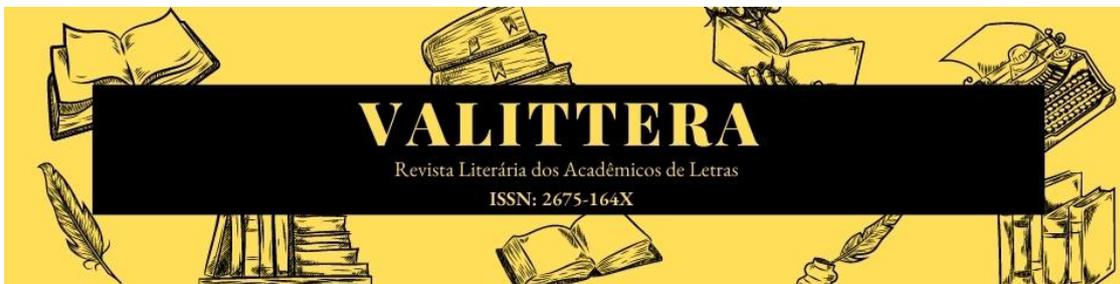
“lugar”. Desse modo, temos o conceito de “lugar ruim”, que comparece como um sintoma de nosso tempo, então, quando falamos de distopia pensamos também em uma sociedade imaginária, mas muito opressora e ruim para criar laços, enfim, para se viver. Embora os gêneros utopia e distopia apresentem o mesmo sufixo -“ia”, os termos são divergentes. Em termos de literatura, se fizermos uma breve pesquisa, perceberemos que são muitas as ficções que tematizam a questão da distopia. Como exemplo, podemos citar a obra *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley, *1984* de George Orwell e *O conto da Aia*³ de Margaret Atwood. Tanto a utopia quanto a distopia têm o desígnio de alertar, de trazer críticas e reflexões sobre a sociedade, tanto positivas quanto negativas.

Transcrevemos a seguir, um trecho da obra *The Handmaid's Tale* que apresenta um reforço à ideia de distopia. O romance relata a história de um futuro abominavelmente real que ocorre após o presidente dos EUA e membros do Congresso defuntarem num ataque terrorista. O exército manifestou estado de emergência e logo surge um movimento fundamentalista cristão denominado filhos de Jacó que ganhou força e aniquilou a Carta Magna sobre a alegação de restaurar a ordem. O país mudou o nome para República de Gileade e tornou-se um Estado totalitarista e teocrático, baseado no Antigo Testamento.: “Eu quase engasgo. Ele disse uma palavra proibida. Estéril. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundadas e mulheres que são estéreis, essa é a lei” (ATWOOD, 2017, p. 75).

Tendo em vista a explanação dos conceitos de utopia e distopia, este artigo visa fazer um estudo de base comparatista entre duas obras que dialogam entre si, já que, tangencialmente, trazem em seu bojo a ideia de sociedade ideal.

Nesse sentido, pretende-se apresentar os papéis femininos elaborados nas obras em destaque, que, de alguma forma, corroboram ou contestam os paradigmas tradicionais femininos esperados pela sociedade patriarcal. No caso de *Herland- Terra das mulheres* de Charlotte Perkins Gilman, pretendemos mostrar que a visão utópica subjacente no texto permite entrever pontos de transgressão que foram importantes para o pensamento

³ *The Handmaid's Tale*



feminista, sobretudo da segunda onda em diante. Por outro lado, no filme *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile* da diretora francesa Eléonore Pourriat, utopia e distopia se tangenciam: o empoderamento feminino levado às últimas consequências acaba por criar uma visão distópica do ideal mais contemporâneo do pensamento feminista de equidade de gênero, como procuraremos demonstrar.

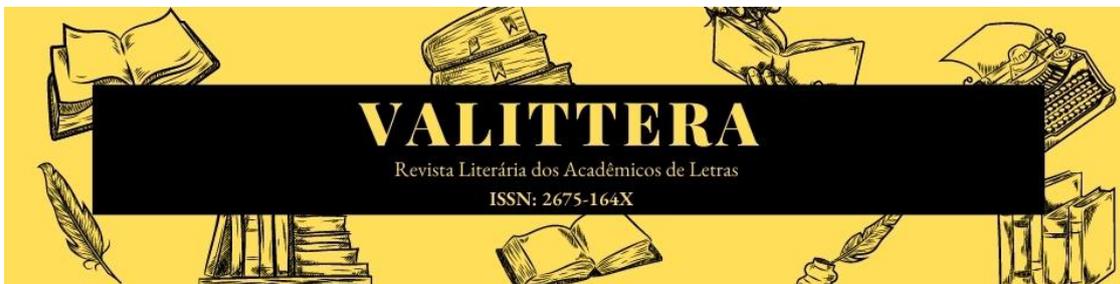
2 ÀS VOLTAS DE *HERLAND- A TERRA DAS MULHERES*

Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) foi socióloga e escritora norte-americana, escreveu poesia, contos e livros de não-ficção. Para uma mulher da época, teve muitas conquistas e se tornou um exemplo a ser seguido por muitas feministas das novas gerações, já que era feminista utópica em um período em que suas atitudes e ações não convinham com as de outras mulheres daquela linhagem, pois eram submissas e não tinham voz para lutar por seus direitos. A autora foi casada, teve uma filha chamada Katherine e sofreu depressão por longos 10 anos de matrimônio. Sua obra mais famosa é *The Yellow Wall-Paper*⁴, um conto semiautobiográfico publicado em 1892. Gilman suicidou-se em 1935 ao ser diagnosticada com câncer de mama, inoperável.

Herland - Terra das Mulheres de Perkins foi publicada pela primeira vez em 1915. Trata-se de uma novela que coloca os holofotes sobre a questão de gênero. Segundo a sinopse, a qual transcrevemos a seguir, percebemos que a questão da utopia feminista realmente se estabelece como força norteadora da narrativa:

[...] é uma utopia firmemente alinhada com o seu tempo, e suas limitações são claras. Para compreendermos melhor essas limitações, recorro ao filósofo italiano Norberto Bobbio. Ele elaborou duas questões pertinentes para pensarmos em igualdade. A primeira é “Igualdade entre quem?” e a segunda, “Igualdade em relação a quê?”. [...] Gilman é bem clara ao responder essas perguntas. Igualdade entre homens e mulheres brancos e heterossexuais, e igualdade em relação aos direitos civis nos países urbanizados e ditos de primeiro mundo. (GILMAN, 2018, p.08).

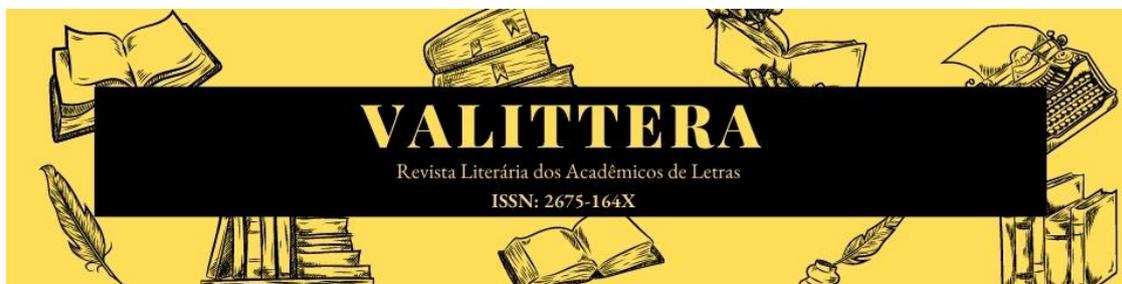
⁴ “O Papel de Parede Amarelo”. Tradução de Flávia Yacubian – 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



Quanto à estrutura, esta novela utópica contém 257 páginas sendo ela dividida em 12 capítulos. É importante ressaltar que a obra inspirou o criador de *Mulher Maravilha e suas amazonas*, William Moulton Marston (1893-1947). Contudo, antes de o leitor se deparar com as maravilhas desse universo ficcional, faz-se necessário acompanhar um país constituído apenas por mulheres e a expedição feita nele por três desbravadores - todos com características muito diferentes: 1) Van, um sociólogo, narrador em 1ª pessoa, chama-nos muito a atenção por imprimir ao texto uma perspectiva masculina da história; 2) Jeff, um médico doce e sonhador e, finalmente, 3) Terry, um aviador, estereótipo do machão e rico.

Esses personagens acreditam que existem homens naquela terra, pelo menos para reprodução, já que na visão viril deles um país só de mulheres seria subdesenvolvido, desordenado e selvagem. Dada a época em que o livro de Perkins foi escrito, fica claro que os três personagens acabam por serem porta-vozes de uma visão de mundo patriarcal, representando ideias preconceituosas e sexistas, bem como não consideravam o protagonismo feminino e o universo representativo das pautas de igualdade, como no caso a sororidade, que será abordada no esboço da pesquisa.

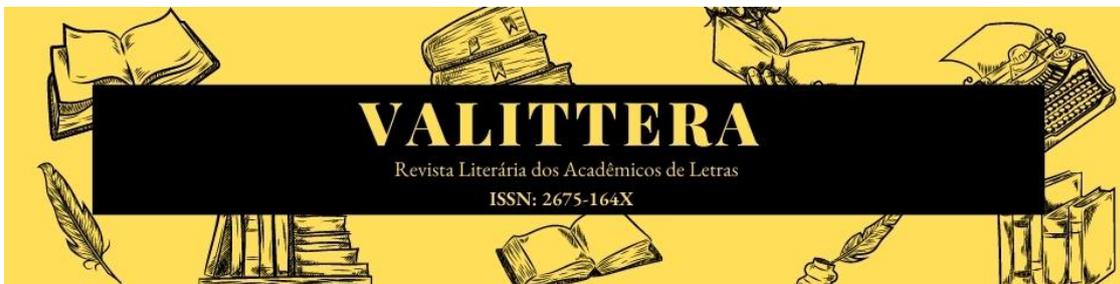
Com o decorrer da narrativa de Vandyck, é possível perceber que os três amigos sonhavam com a viagem para um lugar desconhecido e exótico e tiveram a chance de se juntar em uma enorme expedição científica. Seria uma ótima oportunidade de se fazer um trabalho de campo. A expedição seguida por guias e um intérprete contribuiu para que Vandyck tomasse ciência de muitas lendas e mitos populares de diversas tribos pelas quais passaram. Conforme avançavam rios, pântanos e florestas, Van notara que os selvagens não paravam de falar sobre uma terrível e misteriosa Terra das Mulheres. “Lá em cima”, “Lá no alto”, “Bem longe” - eram as únicas diretrizes que os nativos de uma tribo puderam dar. Não obstante, as lendas que contavam eram semelhantes em um ponto: havia um país onde os homens não existiam, apenas mulheres e meninas o habitavam. Na verdade, essa terra idílica ficava às margens de um enorme rio, num local ainda desconhecido; fora do mapa. Havia muitas lendas acerca de Herland; os dialetos locais e selvagens não tinham sido estudados e a expectativa dos rapazes era a de encontrar todo o tipo de flora e fauna. Contudo, o interesse



dos rapazes foi aguçado com a notícia do intérprete de que essa terra estranha e tenebrosa era governada por mulheres sem nenhum homem para norteá-las.

-Uma terra de mulheres, sem homens, bebezinhas, mas apenas meninas. Não era lugar para homens, perigoso. Alguns tinham ido ver, nenhum voltou. Percebi o maxilar de Terry cerrar ao ouvir isso, Não era lugar para homens? Perigoso? Ele parecia prestes a subir catarata acima. Mas o guia não queria saber de subir [...]. - (GILMAN, 2018, p.21).

Van, Jeff e Terry decidiram, então, realizar uma nova expedição, mas sozinhos, em segredo. Terry tinha muito dinheiro e podia arrumar um enorme barco a vapor. Discutiram por dias como seria a tal aventura, como chegariam ao país e cada um tinha uma expectativa sobre ele. Jeff, com sua alma gentil, acreditava no local desabrochando rosas, pássaros e bebês; já Terry, que sempre foi popular entre as mulheres, imaginava-se em um harém. Segundo ele, se o lugar era habitado somente por mulheres – o que ele duvidava – não encontrariam nenhuma espécie de organização e ordem; já Van acreditava que o local era baseado no princípio matriarcal apenas e que os homens tinham um culto separado e menos desenvolvido socialmente que as mulheres, fazendo visitas em determinadas épocas do ano para o acasalamento. Os jovens discutiram discretamente sobre como chegar à Herland. “Deixaríamos o barco em um porto seguro próximo e depois subiríamos numa embarcação motorizada o rio sem fim, apenas nós três e um piloto; depois, deixaríamos o piloto na última parada da expedição anterior, e exploraríamos o rio de água límpida sozinhos” (GILMAN, 2018, p.23). Inicialmente fizeram uma viagem geográfica. Não foi difícil encontrar o rio que os nativos apontaram que os levaria até o país, mas se depararam com um enorme paredão. Analisaram o terreno e pensando como subiriam, fizeram um mapa com medidas grosseiras. Depois, voltaram ao acampamento para descansar, retornando apenas no dia seguinte com um biplano, suprimentos, gasolina, câmera e um binóculo. Deixaram um mapa para a equipe de resgate, caso não voltassem. Sobrevoaram as árvores até chegarem à Herland. Ficaram maravilhados.



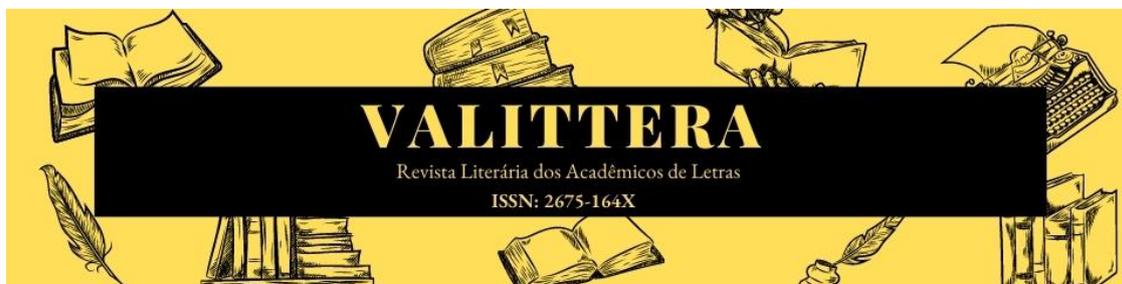
A floresta era bem cuidada e possuía muitas árvores frutíferas. A organização da cidade, com toda a sua arquitetura, também chamou atenção. Casas aprazíveis, boas estradas, trilhas estreitas, amplos gramados, palácios labirínticos cercados por praças e parques. Avançando na exploração do local, encontraram três moças - Celi, Alima e Ellador - futuras tutoras, pessoas que ensinariam os costumes e a língua de seu povo. A comunicação entre eles não é imediata, já que o idioma é diferente, além de essas mulheres estarem isoladas do resto do mundo. Os exploradores acabam sendo anestesiados por um grupo de mulheres e se tornam prisioneiros temporários, afinal, era necessário que aprendessem a língua e ensinassem a deles também. Tinham uma liberdade vigiada. Sempre havia um grupo de cinco mulheres seguindo-os para evitar não apenas fugas, mas também rebeliões.

Pessoalmente, eu tinha um tremendo interesse naquela língua, e vendo que elas tinham livros, estava ansioso para me apossar deles, me aprofundar na história delas, se tivessem uma. Não era difícil de falar, suave e agradável aos ouvidos, e tão fácil de ler e escrever que me maravilhava. Era um sistema absolutamente fonético, a coisa toda tão científica quanto esperanto, embora trouxesse em si todas as marcas de uma civilização antiga e rica. (GILMAN, 2018, p.67).

Tornam-se interessantes os diálogos entre os prisioneiros e as moradoras de Herland. Os jovens rapazes contam sobre as sociedades ocidentais, falam sobre as suas próprias visões de mundo, trazendo reflexões e questionamentos acerca do mundo patriarcal.

Os três amigos encontram uma sociedade totalmente superior à deles e a todas as outras: livre de violência e com o pensamento voltado para o coletivo. Tudo na terra das mulheres é pensado de maneira igualitária, livres de doenças e criminalidade. Também é uma corporação baseada na maternidade, as mulheres geram os filhos sem o auxílio dos homens. Não há o ato sexual para gerar as meninas daquele país, o corpo é meramente utilitário e assexuado.

Essas mulheres, cuja distinção essencial da maternidade era nota dominante de toda a sua cultura, eram muito deficientes no que chamamos de “feminilidade”. O que me levou à convicção de que os “charmes femininos” que apreciamos não são femininos, mas apenas reflexos da masculinidade – desenvolvidos para nos



agradar porque elas precisam nos agradecer -, nem um pouco essenciais ao desempenho. (GILMAN, 2018, p.106).

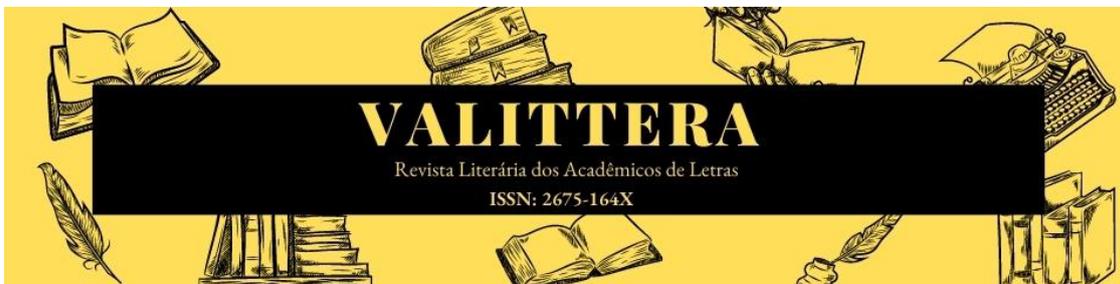
A fertilização do solo é um fato curioso no país das mulheres: havia um lugar confinado onde as cultivadoras desenvolveram uma fórmula sublime para alimentá-lo de tudo o que saísse dele, então toda sobra de alimento, plantas, material sólido dos esgotos tratado voltava para a terra. O resultado era uma floresta saudável e um solo rico. Os exploradores ficaram envergonhados, omitiram muitos fatos sobre o que acontecia na sociedade em que viviam. A vergonha os fazia desviarem o assunto.

Diante disso, é possível inferir que este lugar utópico - criado pela autora - resulta de um “não lugar”. A realidade da sociedade em que Gilman se encontrava em nada se parece com esse país ilusório e plenamente feliz.

Retomando o assunto da maternidade, naquela sociedade nasciam apenas crianças do sexo feminino, o que em uma sociedade patriarcal como a China, a Índia e algumas partes do Sul da Ásia, geralmente, não seria motivo de alegria, dado que essas culturas têm preferência evidente por crianças do sexo masculino em pleno século XXI, inferiorizando, pois, as filhas.

Na narrativa de *Herland*, as mulheres que geravam as crianças não eram as mesmas que as criavam. Todas se tornavam responsáveis pelas pequenas e a educação destinava-se às mulheres mais sábias, já que lá, aquelas que demonstravam tendência a observar, discriminar, sugerir, recebiam uma espécie de treinamento especial para o cargo; as demais passavam o tempo estudando algum outro trabalho que resultasse em melhorias para o entorno.

Percebe-se, no país das mulheres, o desejo fixo de gerar uma criança entre suas habitantes. Não obstante, será que a maternidade é realmente a única força motriz e vital que norteia a vida humana feminina? É preciso ser mãe, gerar uma vida para que a existência feminina seja validada? Não há menção no livro sobre mulheres que não querem ser mães, todas almejam a maternidade. A autora também faz uma pequena alusão sobre o aborto, de modo sucinto, em *Herland*-. Algo tirar o bebê do ventre é inadmissível.

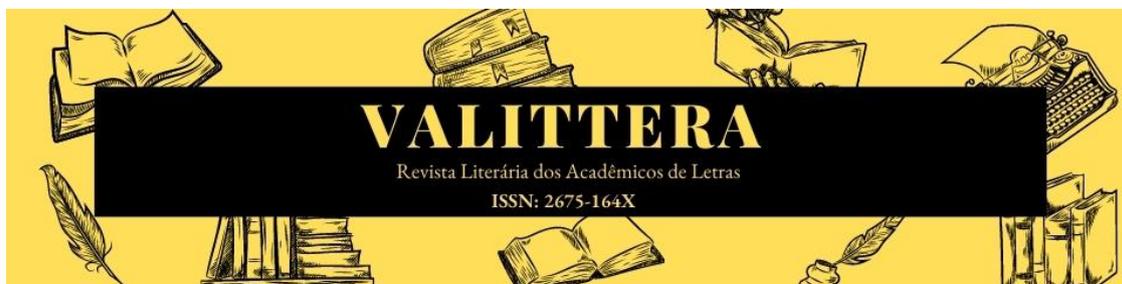


-E outra vez preciso me apoiar em experiências tardias e mergulhar fundo na familiaridade que obtive com a cultura dela, para explicar o abismo de diferenças entre nós. Dois mil anos de uma cultura sem homens. Antes disso, apenas cultura de harém. Não havia um análogo exato para a nossa palavra *lar*, nem mesmo para a nossa latina *familia*, criando amizades esplêndidas e naturais, espalhando a devoção ao país e ao povo de tal forma que nossa palavra patriotismo não consegue abarcar. Patriotismo, veemente, é compatível com a existência de uma negligência dos interesses sociais, uma desonestidade, uma indiferença fria ao sofrimento de milhões [...] Patriotismo geralmente arrasta a vingança. (GILMAN, 2018, p.167).

O país é amado por aquelas mulheres, pois é um berçário, oficina de trabalho e parque tanto para as adultas quanto para as crianças. A maternidade funciona como uma religião para elas, toda baseada na percepção completa da evolução. No decorrer dos anos, os rapazes percebem que a pressão existente sobre o ambiente aflora na mente humana reações ditas inventivas, independente do gênero. Os três amigos se envolvem com as tutoras e almejam o casamento, mesmo não sendo fácil estabelecer uma combinação entre três homens americanos e três mulheres de um país matriarcal.

Uma das mentoras, Alima, não compreende o valor matrimonial. Os rapazes, de maneira cômica, logo esclarecem com a visão sexista que os permeia, tendo como base a cultura de uma outra sociedade:

- Terry sempre a infernizando, disse que era um sinal de possessão. - Você será a Sra. Nicholson. A Sra. T.O. Nicholson. Isso mostra a todos que é minha esposa.
- E o que é “esposa”? – quis saber, com um olhar perigoso no olhar.
- Uma esposa é a mulher que pertence a um homem- começou ele.
- [...] – As mulheres não têm nomes antes de casar? Perguntou Celis repentinamente.
- Ora, sim – explicou Jeff. – O nome de solteira...Ou seja, o nome do pai delas.
- E o que acontece com eles? - quis saber Alima.
- Mudam-no para o do marido, querida – respondeu Terry.
- Mudam? E o marido pega o nome de solteira da esposa?
- Oh, não. Ele riu. _ O homem mantém o próprio nome e também o dá para ela.



- Então ela simplesmente perde o dela e recebe um novo...Que desagradável! Não queremos! Decidiu Alima. (GILMAN, 2018, p.206).

No decorrer da trama, os personagens se casam em uma cerimônia tripla, em um enorme templo com toda a nação presente. A cerimônia foi solene, com uma incrível procissão, danças e um lindo hino sobre Irmandades Feminina e Masculina. O casamento do aviador e machista Terry se torna conturbador tanto para ele quanto Alima causando, na trama, um desfecho trágico e punitivo.

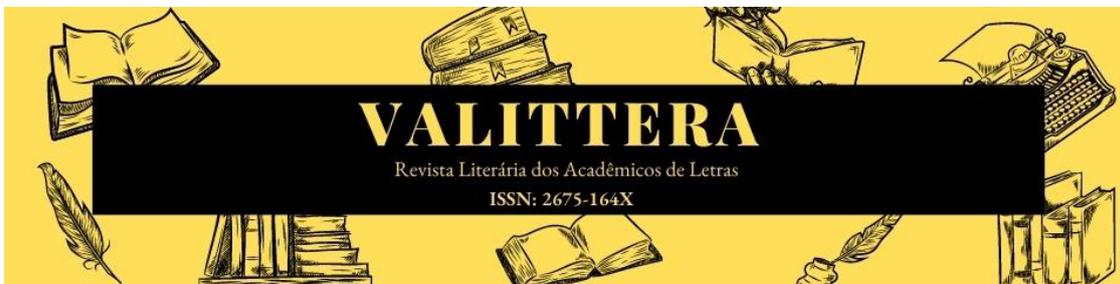
A narrativa intrigante e o gênero utópico da obra de Gilman trazem temas contemporâneos que ainda são discutidos: o estupro marital e a masculinidade tóxica. Quando a palavra sororidade aparece neste trabalho faz-se necessário mencionar a gênese do feminismo - primeira onda - que surge com a carência da busca por direitos iguais e pelo anseio de equidade entre os sexos, havendo, então, no século XIX uma mobilização feminista importante. (MACHADO, 2018, p.01). No feminismo, o termo sororidade é quantioso, a palavra tem origem no latim *sóror* que significa “irmãs”, isto é, uma parceria ou aliança entre as mulheres que remete à relação de irmandade, tendo como base a empatia e o companheirismo, visando à luta por liberdade e igualdade⁵.

Identifica-se em *Herland* pontos de transgressão com o pensamento feminista da segunda onda, que surge em meados dos anos 50, cujo principal jargão é *sisterhood is powerful*, logo após a publicação do livro *O Segundo Sexo* da autora Simone de Beauvoir. Nessa década, é intensa a discriminação entre o gênero e o sexo. O sexo passa a ser uma idiosincrasia biológica e gênero uma edificação social. Essa afirmação surge no trecho da obra *Segundo Sexo*:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto

⁵ Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/o-que-e-sororidade/>

⁶ “A sororidade é poderosa”.



intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.
(BEAUVOIR,1967, p.09)

É possível comparar a literatura de Charlotte com o filme francês *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile*,⁷ da diretora Eleonore Pourriat. Eleonore é uma roteirista, atriz e escritora francesa e criou em 1998 a Companhia do Aperfeiçoamento com Gaëla Le Devehat e Emanuelle Destremau. É autora do livro *Histoire d'Adrián Silencio* e dirigiu o curta metragem *Majorité Opprimée*⁸, um documentário com durabilidade de 10 minutos cuja temática aborda o feminismo⁹, invertendo os papéis de homens e mulheres de uma sociedade preconceituosa.

3 AO DERREDOR DE *JE NE SUIS PAS UN HOMME FACILE*

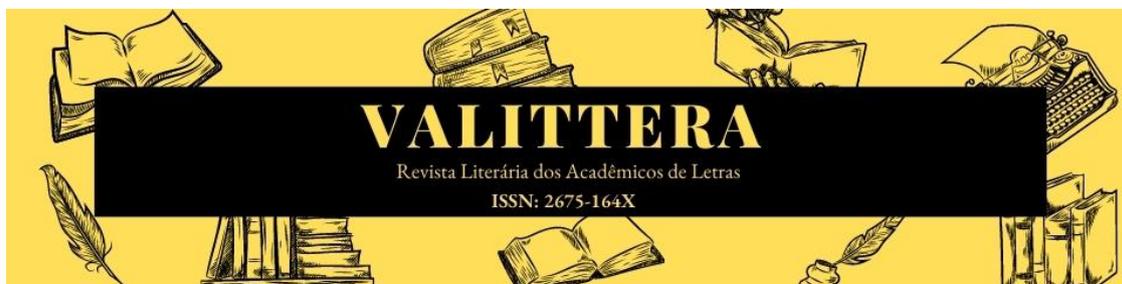
A obra cinematográfica do gênero comédia aborda temas também atuais e alicientes, desencadeando críticas e reflexões sobre a sociedade atual e o quão difícil é viver em uma aliança patriarcal e sexista, remetendo a uma distopia. O enredo do filme tem como um dos personagens Damien, interpretado pelo ator francês Vincent Elbaz, cujo estereótipo é o de um homem solteiro, bem-sucedido e cortejador que objetifica e subestima as mulheres no trabalho e nas relações. Contudo, o rapaz bate a cabeça em um poste e acorda em um mundo completamente diferente, uma sociedade femista. A partir daí, o ator principal vive um choque experimentando o que vivem as mulheres diariamente: pressões estéticas, assédios, subestimações, relacionamentos abusivos e até “sororidade invertida” por ver seu pai e amigos sofrerem as mesmas opressões.

As mulheres nessa sociedade não são o sexo frágil, elas correm pelas ruas sem camisa, gostam de beber em bares e traem os maridos. O então sexo frágil desse universo passa a ser

⁷ “Eu não sou um homem fácil”.

⁸ “Maioria Oprimida”

⁹ Feminismo é equiparado ao machismo. As mulheres se tornam opressoras e os homens os oprimidos, bem diferente do feminismo que luta por igualdade política e social sem oprimir o sexo oposto.



os homens, que se tornam donos do lar e que devem sempre estar com uma aparência impecável para atrair o olhar feminino.

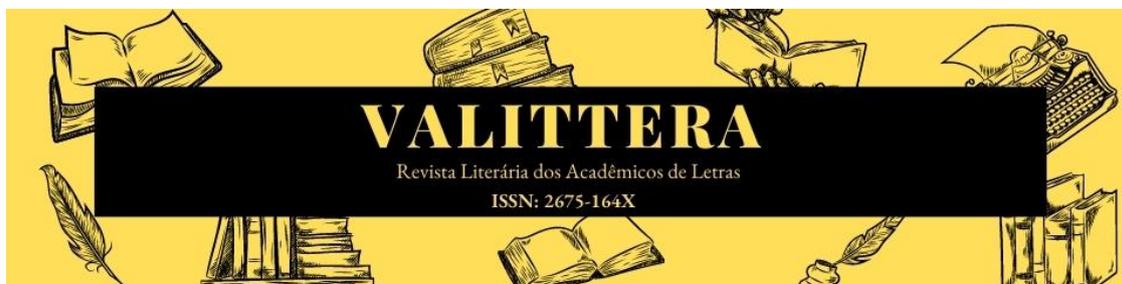
Alexandra, personagem interpretada pela atriz Marie Sophie Ferdane, é uma escritora bem sucedida, repleta de atitudes consideradas masculinas e quebra muitos tabus. A moça que Damien assediava faz o mesmo com ele. O patriarcado é dominante e os homens sofrem toda a pressão que atualmente as mulheres suportam. O filme também aborda a homossexualidade, que é sentenciada.

Constata-se no filme *Je Ne Suis Pas Un Homme Facile* uma realidade completamente distópica, cuja tendência negativa da sociedade é ampliada e contrária da utopia. O professor Berriel¹⁰ define o termo distopia como “espelho da suspensão da História; sua imagem é o exílio da humanidade, tornada resíduo, esta, pela razão enlouquecida”.

O filme traz uma reflexão sobre como tudo na sociedade atual é pensada no sexo masculino e se torna chocante quando há a inversão de papéis. Na cena jogo de cartas, a carta da dama vale mais do que a do rei. No mundo atual, uma rua com um nome masculino, na sociedade femista deixa de existir, passando a ter apenas nomes femininos. Outra cena interessante, que vale destacar neste artigo, é a cena de um adolescente que é apaixonado por uma garota que não lhe corresponde. Eles acabam tendo um encontro e a garota o obriga a fazer sexo oral, levando à discussão do consentimento e do domínio sexual.

Verifica-se tanto na narrativa da obra de Gilman quanto no longa-metragem de Pourriat que ambas se correlacionam partindo de uma realidade, embora haja a diferenciação no que tange à utopia e distopia. Em *Herland*, partimos de uma realidade para um “não lugar”, uma sociedade perfeita, onde a coletividade impera e as decisões - após ser discutidas por um conselho - são tomadas para o bem de todos. Já no filme, parte-se de uma realidade para um “não lugar” pautado em descrenças, medos e opressões de uma sociedade doente. A distopia nos mostra a perversidade do nosso mundo e a utopia o altruísmo almejado. Para

¹⁰ Em texto ainda não publicado, intitulado: Utopia, dystopia e história.



Margaret Atwood em uma entrevista dada ao site huffpost¹¹, “cada distopia contém uma pequena utopia, e vice-versa”.

A ideia preconcebida de que as mulheres têm um corpo frágil, que a beleza externa é mais importante e o papel secundário da mulher sendo subordinada ao homem, foi historicamente construída. No Antigo Testamento, a mulher representava perigo e instigação, acreditando que elas eram mecanismos sob os quais o diabo exercia a temida tentação, resistir a ela naquela época era sinônimo de salvação. (PILOSU, 1995, p.32).

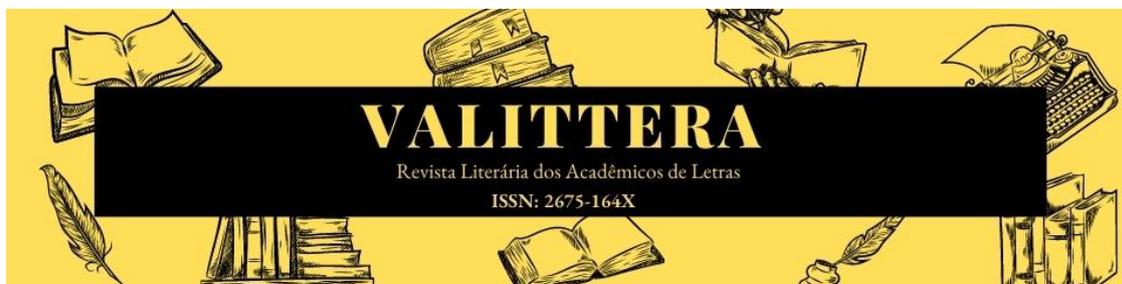
Não se trata de tirar o poder de um e ofertá-lo a outro para inverter os pólos de opressão, contudo, é necessário confrontar a opressão para eliminar uma situação descabida e igualar os gêneros da sociedade. A escritora Joice Berth em seu livro *O que é empoderamento?* traz a discussão sobre o empoderamento feminino, acreditando que empoderar é refletir sobre novos caminhos de reconstruções sociais e políticas, rompendo com o que vem sendo imposto historicamente. “Enquanto não damos importância e voz para pensamentos de intelectuais que surgem dentro dos grupos oprimidos, não sabemos ao certo que ações devem ser realizadas para modificar o atual quadro.” (BERTH, 2018, p.33).

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados e considerando a realidade circundante, é possível afirmar que utopia e a distopia caminham juntas. Elas invadem o terreno da ficção transformando as narrativas num espelhamento do que é possível e desejável e vice-versa. No caso das obras analisadas, verificamos que na narrativa de Gilman premedita um ideal de mulher e sociedade florescendo toda a história, cujas damas, ao ficarem sem os companheiros, há dois mil anos devido a uma guerra que matam todos os homens, constroem uma sociedade feminina e independente.

Quando os jovens Terry, Van e Jeff resolvem desbravar o país das mulheres, descobrem uma corporação matriarcal. Cada ser humano feminino tem uma função em Herland e tudo é baseado no coletivismo. Configura-se na obra de Perkins uma idealização de uma sociedade exemplar, partindo da premissa de que todo o homem é bondoso, típico de uma sociedade utópica, em uma terra desconhecida, soberba cultural e historicamente à

¹¹ https://www.huffpostbrasil.com/2017/07/18/margaret-atwood-feminismo-nao-e-so-achar-que-as-mulheres-estao_a_23035689/.



sociedade existente, buscando uma agremiação superior, o que provém da utopia, gerando para uma “tendência da realidade”, segundo o professor de História Literária Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Já no filme da diretora Pourriat, após o personagem machista Damien bater a cabeça, acorda em uma sociedade cujas mulheres comandam e não são o sexo frágil - há a inversão de papéis. Os homens são assediados constantemente por mulheres, são donos do lar e lidam com situações do cotidiano. Consta-se no enredo do filme uma sociedade femista, em que as mulheres são opressoras e os homens oprimidos. A história do filme parte de uma sociedade real cujo medo da opressão constrói o mundo distópico. O personagem Damien tem a mesma crença do personagem Terry, uma ideologia machista, acreditando que as mulheres são inferiores e de que necessitam constantemente da ajuda do varão.

Considerando a rápida análise realizada, tem-se a impressão de que a utopia também é uma distopia, dado que, para existir uma sociedade ideal, é preciso seguir determinadas doutrinas em prol da coletividade. O que diferencia uma da outra é que o preceito em uma distopia é escancarado, existe um totalitarismo e o medo da opressão existente. As opressões são situações que fazem parte do cotidiano das mulheres e que passam despercebidas, não obstante, o gênero feminino não precisa ser masculinizado para liderar e ser respeitada bem como não deve ficar preso a estereótipos fadados que colocam a mulher numa situação inferior à dos homens e que a mídia bombardeia constantemente através de comerciais como se elas se preocupassem apenas em ter um belo corpo, com o uso de maquiagem e roupas.

A escritora Angela Saini (2018, p.25) menciona que a população passa muito tempo delegando aos cientistas a incumbência de alimentá-las com fatos objetivos e o que ela oferece é uma história despreendida de preconceitos. Mas quando o assunto é a mulher, grande parte da ciência e da história está equivocada. As mulheres enfrentam muitas pressões ao longo da vida e os homens não têm de enfrentar. Os desafios ainda são complexos para recriar a imagem feminina na atualidade, já que em nossa literatura prevalece uma cultura patriarcal. A sociedade atual precisa ressignificar os velhos estereótipos que nos cercam há milênios para que a tão sonhada igualdade entre os sexos seja alcançada.



AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos aos professores que tanto me incentivaram no decorrer dos meus estudos, em especial à minha professora orientadora Alleid Ribeiro Machado pelo empenho dedicado ao meu artigo, pela paciência ao longo da elaboração até a conclusão, pelas críticas construtivas e reflexivas que recebi no decorrer da pesquisa. Saliento que o seu apoio professora Alleid foi fundamental para eu não desistir e realizar este trabalho ingressando ao universo científico. Meu muito obrigada ao Centro Universitário Sant'Anna por possibilitar a execução deste trabalho científico e pela bolsa de estudos PIBIC. Agradeço ao querido amigo Felipe Oliveira que me ajudou com as traduções no escoar da pesquisa.

Sou grata ao meu marido Douglas Herrera por toda benevolência comigo. O seu amor, incentivo, dedicação, paciência demonstrados foram fundamentais para a realização do produto final. Obrigada meu amor, pelo apoio incondicional nas grandes e pequenas coisas.

REFERÊNCIAS

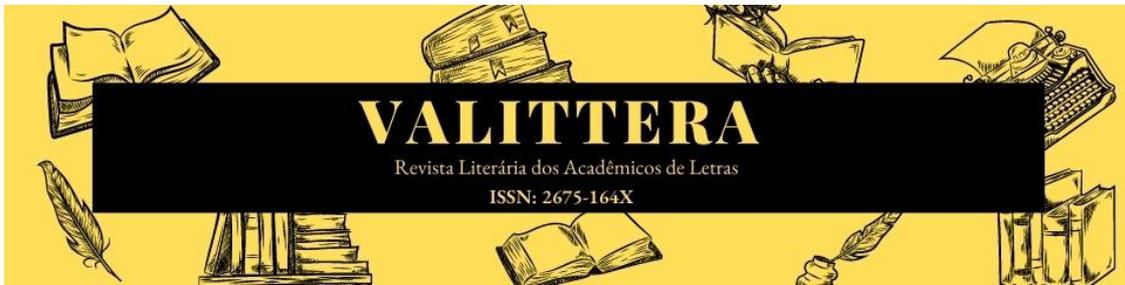
ARUZZA, Cinzia. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. 1ª ed. Canadá: Rocco, 1985.

Escritores de Distopias; Ana Lucia Santana. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/escritores-de-distopias/>. Acessado em 20 de julho de 2019.

FIGUEIREDO, Carolina. Artigo: Da utopia à distopia: política e liberdade. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1821>. Acesso em: 16 de setembro de 2019.

GILMAN, Charlotte Perkins. Terra das Mulheres. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018.



MACHADO, Alleid R. Formas de representação feminina nos teen chick lits: um estudo em torno *d'O diário da princesa*. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo* [ESPM], São Paulo, V. 14, N. 39, p. 90-110, jan/abr.2017.

MORE, Thomas. *A Utopia*. 2ª ed. São Paulo-SP: Martins Claret, 2000. SAINI, Angela. *Inferior é o Caralho*. Tradução de Giovanna Louise Libralon. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2018.

Recebido em 07/07/2021.

Aceito em 15/10/2021.